REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 275

11 DE AGOSTO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente chegaram as taes desejadas férias de verão.

Vieram tarde mas sempre vieram, que era o essencial, e cabe aos caniculares, a esses bons caniculares que tanto aterravam os nossos avós, a honra de ter dado o signal para a debandada.

E foi uma debandada em fórma como ha muitos annos se não dá em Lisboa.

Da côrte fugiu tudo da capital e o ministerio quasi que fez o mesmo que a côrte.

Sua magestade el-rei D. Luiz, que ha tres annos não sahia do reino, partiu no dia 2 do corrente a bordo do transporte *Affonso d'Albuquerque* para a Inglaterra e Allemanha, a visitar o imperador Guilherme, a rainha Victoria e a ver a sua irmã S. A. a sr.ª infante D. Maria Antonia.

S. M. foi acompanhado por dois camaristas, e pelo medico da real camara o sr. dr. May Figueira.

Além do transporte *Affonso d'Albuquerque*, acompanha el-rei em toda a viagem a corveta *Estephania*.

S. A. o principe real D. Carlos, que na ausencia de seu augusto pae assumiu a regencia do reino, partiu tambem já para Cascaes, a passar os mezes de banhos, acompanhado por sua esposa a princeza D. Amelia d'Orleans, que, segundo noticiaram alguns jornaes, entrou já no seu estado interessante.

S. M. a rainha, dias depois da sahida de el-rei, partiu para as Caldas da Rainha, onde nunca tinha ido e onde vae durante quinze dias ou tres semanas fazer uso das aguas thermaes.

A sr.ª D. Maria Pia foi em companhia de seu filho o infante D. Affonso e do seu medico o sr. conselheiro Antonio Maria Barbosa.

As Caldas receberam com desusada pompa a sua augusta hospede, e aquella estação d'aguas, ordinariamente a mais animada, a mais extrangeirada de Portugal, assumiu este anno graças á visita de S. M., uma vida ruidosa, uma alegria festiva verdadeiramente excepcionaes.

Das Caldas da Rainha S. M. a sr.ª D. Maria Pia passa para Cascaes, aonde se demorára todo o mez de setembro.

S. A. o sr. infante D. Augusto está já ha semanas em Royat fazendo uso das aguas.

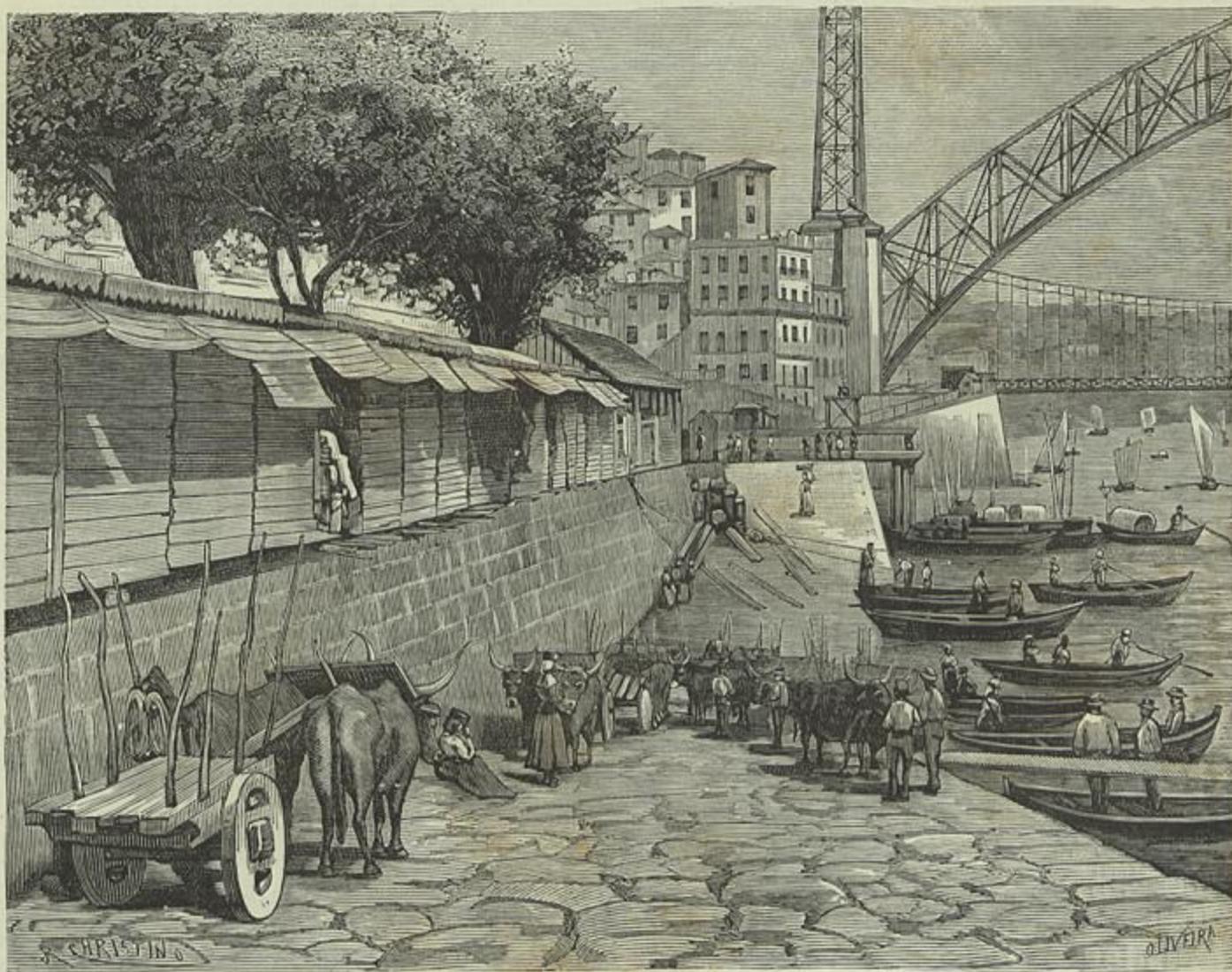
Como se vê, a familia real portugueza debandou toda da capital: o ministerio fez quasi o mesmo:

Depois de ter enchido o *Diario do Governo* com os decretos da dictadura, e os jornaes do paiz com as polemicas ácerca d'esses decretos, o ministerio resolveu tambem descançar.

O sr. ministro da marinha, Henrique de Macedo, ha semanas doente com um pertinaz incommodo de garganta partiu para Cauterets a fazer uso das inhalações, deixando a sua pasta interinamente ao sr. ministro dos extrangeiros.

O sr. ministro da fazenda, Marianno de Carvalho, partiu para Anadia a encontrar-se com sua esposa que está alli convalescente da grave enfermidade que a assaltou no Porto, quando se dirigia para as aguas de Mondariz.

O sr. ministro da guerra, o visconde de S. Januario partiu para Braga com sua ex.ma esposa e o seu sogro o sr. visconde de Negrellos.

O sr. ministro das obras publicas, Emygdio Navarro, partiu ou vae partir para o Bussaco onde

LINGUETA DAS ESCADAS DA RIBEIRA, NO PORTO (Segundo uma photographia de E. Biel)

tem em construcção um lindissimo chalet, a mais bella edificação moderna d'aquelles sitios.

O sr. ministro da justiça, Francisco Beirão, partiu para Coimbra a visitar os estabelecimentos dependentes do seu ministerio.

Do governo estão portanto apenas em Lisboa e cremos que por pouco tempo o sr. conselheiro José Luciano de Castro, presidente do conselho e ministro do reino, e o sr. Barros Gomes ministro dos extrangeiros.

A alta sociedade de Lisboa anda tambem em villegiatura.

Cintra que este anno foi o ponto escolhido pela flor do *high-liff* tem tido festas brilhantes avultando entre ellas o baile dado pela sr.ª duqueza de Palmella no dia dos seus annos, e o baile dado poucas noites depois pelo sr. Alfredo Guedes no seu formoso chalet.

As praias começam a povoar-se.

Ahi por essas margens do Tejo abaixo, até á barra, tanto de um lado como do outro, as povoações balneares estão cheias de gente.

Algés tem já uma animação enorme, animação feita em parte, é verdade, por passeiantes de Lisboa que ás tardes fazem de Americano a viagem de Algés, a viagem mais agradavel de toda a carreira de Americano, e ao mesmo tempo baratissima.

O mau estado da valla de Algés, tem porém afugentado d'alli alguns *touristes* menos despreoccupados.

Essa valla, que se propõe a substituir o caneiro de Alcantara, naturalmente por lhe constar que vae passar por alli a nova circumvallação e por entender que um foco de infecção faz parte obrigada de todas as barreiras que se prezam, essa valla, diz-se, tem espalhado por Algés um bom par de sezões e de febres paludosas, apontam-se já varios casos, os jornaes tem chamado para esses casos, e para essa valla as attenções da policia sanitaria e é necessario que se olhe a sério para isso, e que um dos passeios mais bellos de Lisboa, não se transforme por criminosa incuria das auctoridades, n'um perigo enorme para a capital.

Ora de todo este volum so *Carnet mondain* que hoje substituiu aqui a nossa chronica, se vê que decididamente entrámos em plena quadra de verão em plena estação de villegiatura.

Quem nos dera a nós podermos já tambem imitar todos esses nossos felizes patricios que se entregam ás delicias mais ou menos commodas do fóra da terra e ir por ahi acima á procura de um boçado de ar puro e de boa agua.

É necessario descançar todos os annos um momento, pelo menos, dos trabalhos de todos os dias, e dar tambem aos nossos leitores umas fériasinhas das nossas chronicas

Entretanto, emquanto não chega o momento da partida estar já determinado, vamos cumprir — com muita pouca vontade, confessamos — os nossos deveres de chronista e fazer a nossa revista d'esta despovoada Lisboa de verão.

Tem pouco que revistar essa Lisboa. A novidade mais saliente d'esta calmaria de acontecimentos é a companhia italiana do Colyseu e d'essa novidade não podemos dizer nada pela mesma razão que já apontámos na nossa ultima chronica — ainda lá nao termos ido.

E como falámos acima em pouca vontade não creiam que foi isso que de lá nos affastou, não foi pouca vontade, foi pouca saude.

Temos ouvido dizer muito bem da companhia de opera italiana do Colyseu, e tambem por não haver nem outro divertimento nem outro acontecimento desejavamos muito aproveital-o como recreação e como assumpto.

Mas o homem põe e Deus dispõe, e ha oito dias que estamos presos em casa por um incommodo sem gravidade mas com impertinencias que nos obriga a contentar com a leitura dos jornaes para revista dos acontecimentos.

E n'essa leitura de jornaes não perdemos de todo o nosso tempo: encontrámos coisas curiosas, noticias interessantes, a respeito de compatriotas nossos.

Por exemplo, encontrámos nos annuncios dos jornaes da Bahia uns annuncios de varias lojas:

Chitas á Adelina Abranches
Percales á Adelina Abranches
Satinettes á Adelina Abranches

Sabem quem é esta Adelina Abranches que está dando leis aos armazens de fazendas da Bahia, e fazendo moda no Brazil?

Póde muito bem ser que não saibam.

Esta Adelina Abranches que tem na Bahia um *successo* que já sahiu do recinto do theatro para o mundo commercial como a Sarah Bernhardt em Lisboa, esta Adelina Abranches é uma pequenita muito pobresinha, muito modesta, mas que tem talento a dar com um pau, que debutou aqui ha poucos annos no fallecido theatro do Rato e ultimamente tem estado no theatro do Principe Real fazendo com muita habilidade, com mais do que isso, com uma pontinha de genio, uns papeis pequenos que a tem feito notar por aquelles que entendem alguma coisa da arte.

Pois o Brazil, a Bahia, foi muito mais esperta do que Lisboa, e adivinhou logo que estava alli um grande talento n'aquella modesta rapariguinha de quem Lisboa não tem feito o caso que devia.

A Bahia foi mais esperta e mais justa, e Deus queira que a Adelina, ao passar de repente da sua obscuridade da rua Nova da Palma, para as ovações triumphaes do theatro de S. João da Bahia, para os beneficios com chuvas d'ouro, brindes de adereços de brilhantes e de solitarios enormes, poesias recitadas dos camarotes, acompanhamento a casa com marcha *aux flambeaux* e banda do *Recreio dos Chapelleiros* á frente, Deus queira que a talentosa e modesta rapariguinha, que aqui conhecemos, não se embriague com tudo isso e não nos dê mais um triste espectaculo d'uma vocação theatral notabilissima perdida pela hydropisia da vaidade.

Queremos crer que não, e fazemos votos sinceros para que assim seja, porque a verdade é que de ha muito viamos n'essa pequena actriz uma das mais brilhantes esperanças gloriosas do theatro portuguez.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

LINGUETA DAS ESCADAS DA RIBEIRA NO PORTO

A gravura da primeira pagina do presente numero do Occidente reproduz uma bella photographia dos srs. E. Biel & C.ª, que nos dá uma idéa muito perfeita do grande movimento que se observa na segunda cidade do reino, a cidade trabalhadora por excellencia.

Os barcos no rio Douro cruzam-se em todos os sentidos, e os que veem de cima do rio atracam ao caes, onde descarregam as mercadorias, que depois são conduzidas em carros para os armazens e outros destinos.

Esses carros, ou, melhor, carretas, pelas suas pequenas dimensões, são puchados por uns bois tambem pequenos, mas muito vivos e bonitos, e conduzidos em geral por mulheres.

Como dissemos, a gravura dá perfeita idéa d'esse continuo movimento que ha no caes da cidade invicta. Este da Lingueta é dos mais concorridos.

Superior ao caes fica o mercado da Ribeira, assombreado por bellas arvores.

Ao fundo vê se um dos fundamentos da grande ponte de D. Luiz I, que hoje liga a cidade com Villa Nova de Gaya, em substituição da antiga ponte pensil, que está condemnada.

SCENAS DO MINHO — UM CARRO DE BOIS

É ainda o sr. Biel quem nos fornece uma magnifica photographia d'onde o sr. Manuel de Macedo tirou o desenho que illustra a nossa pag. 180.

É um perfeito quadro colhido em flagrante na natureza e que surprehendeu aquelles homens no meio dos seus labores.

Além de todo o pittoresco do local e da scena que se desenrola a nossos olhos, uma particularidade chama a attenção do observador, que é a enorme canga que descança sobre os cachaços dos pacificos bois.

Estas cangas são vulgares em toda a provincia do Minho e do Douro, e ellas constituem uma verdadeira curiosidade, não só pelo tamanho, como pelos lavores e arrendados que as enfeitam, uso este que vem da mais remota antiguidade e que ainda hoje se conserva com toda a belleza que o caracterisa.

Uma visita ao Limoeiro

II

N'uma sala vasta, de tecto alto, e dividida a meio por uma cortina de grades que reserva o espaço occupado pelos empregados e o espaço destinado ao publico, é a secretaria.

Foi alli que o sr. director nos recebeu e nos prestou esclarecimentos muito curiosos, que ao diante iremos relatando.

Dois guardas da cadeia auxiliam o serviço da secretaria, onde tambem um preso desempenha as funcções de escripturario e as de mestre escola, que elle lecciona pelo methodo de João de Deus.

Teremos occasião de nos referirmos a esta escola quando tratarmos do parlatorio, onde ella funcciona provisoriamente, com aquella estabilidade peculiar a todas as cousas provisorias da nossa terra.

Uns enormes livros de registro dos presos dão-nos a medida da longa serie de crimes que n'elles se acham descriptos, desde a fundação da cadeia.

Uma investigação minuciosa n'esses livros devia revelar os casos mais extraordinarios para a historia do crime. Não devassemos, porém, essas paginas mysteriosas, synthese laconica de tantos crimes produzidos por causas diversas, e onde nem sempre a cobiça peccaminosa do roubo, ou a sede de sangue do assassino por indole, influiram exclusivamente.

A ignorancia e a malvadez devem ter enchido muitas d'essas paginas, mas os vicios, o ciume, a intriga, tambem devem ter dado farto contingente, e entre tantos criminosos convictos não seria difficil encontrar muitas victimas apenas da fatalidade.

Todas estas considerações nos suggeriu a presença d'aquelles livros que o sr. director nos mostrou com a melhor vontade de quem deseja prestar todos os esclarecimentos.

Agradecemos o obsequioso acolhimento e principiámos a nossa digressão pelas prisões, em companhia do guarda a que já nos referimos.

A secretaria deita uma janella e uma porta para um pateo onde se acham umas officinas. Por esta porta demos entrada no pateo, depois de termos descido uma pequena escada de pedra.

O sol estava a pino e a sua luz espalhava-se com toda a intensidade pelo pateo, sem duvida a parte mais naturalmente illuminada do edificio.

Ao fundo da escada Christino tomou posição para fazer o desenho do pateo e emquanto elle corria breve o lapis por sobre a folha do seu album, eu colhia apontamentos que o guarda me fornecia sobre as officinas alli estabelecidas.

Ao longo do pateo corre um telheiro tendo pela frente uma grade de ferro em toda a extensão, que se abre a intervallos.

Este telheiro com esta grade tem perfeitamente o aspecto de uma jaula de feras, e para que se não deite á conta de pura rethorica esta comparação, existem alli verdadeiras feras humanas, segundo nos disse o nosso guia, ao notarmos a boa presença de um preso que estava fazendo escovas de piassaba.

O aspecto d'este homem era agradavel mesmo com as longas barbas de um loiro escuro que lhe emmolduravam a cara. O seu olhar era doce e sobre a testa ampla principiava a rarear os cabellos.

— Eis alli um preso sympathico, disse eu para o guarda.

— Está condemnado por toda a vida, respondeu-me.

— Então deve ter feito grande crime.

— Homicidio voluntario.

— Como as apparencias enganam, mas provavelmente agora porta se bem, está talvez arrependido.

— Nem por isso; tem frequentes altercações com os companheiros e quando se exalta é uma fera.

Estava alli um leão com toda a suavidade do seu olhar e toda a tranquillidade apparente do rei das feras.

Fóra do telheiro e sob o sol ardente trabalhavam outros presos, uns serrando e furando costaes para escovas de piassaba, outros fazendo capachos e mais obras de esparto.

Notei a assiduidade quasi frenetica com que trabalhavam, e notei mais que essa assiduidade era contrabalançada por paragens successivas em que largavam bruscamente as ferramentas e se estiravam sobre as lageas do pateo, ao sol, como os gatos.

Esta irregularidade de trabalho, explica-se facilmente pela má vontade que o acompanha, e porque aquelles homens tomam tarefas de empreitada, em que apezar de trabalharem quasi de sol a sol, os mais habeis apenas conseguem ganhar 80 réis diarios!

— Por conta de quem trabalham estes homens? perguntei.

— Por conta de outros presos que lhes fornecem a materia prima, e que lhes pagam as empreitadas.

Por isto conclui que havia capitalistas na cadeia, e achei a explicação de certos casos que se

tem contado, com respeito a operações financeiras alli praticadas entre certos presos e outros individuos que não são presos.
Apezar de ser coisa sabida do publico que o trabalho dos presos é extremamente barato, ainda assim surprehendeu-me que aquelles desgraçados ganhassem tão pouco.
Christino tinha concluido o seu desenho e eu tinha tomado as notas que vou deixando escriptas.
Encaminhamo-nos então para a direita do pateo e parámos debaixo de um pequeno telheiro, onde se via uma meza muito tosca, improvisada com umas taboas velhas sobre uns prumos de barrotes, e que parecia um balcão.
Na nossa frente via-se uma pequena porta com uma pequena janella por cima, formadas uma e outra por grossas cantarias escalavradas, assentes sobre unas paredes de respeitavel grossura. Uma dupla grade de grossos varões de ferro constitue a porta que se abre entre aquelles cunhaes, e outra grade egual assenta entre os cunhaes da janella.
Era a entrada da prisão do carrasco, que hoje, felizmente, já pertence á historia.
Aquelle telheiro era para assim dizer o refeitorio da cadeia, porque era alli que se distribuia o rancho aos presos.
Nós vimos esse rancho que em verdade não podia ser menos de apetecer e mais difficil de decifrar, atravez de uma agua suja onde apenas viamos boiar, dentro do enorme caldeirão de cobre, uns pequenos fragmentos brancos que se destacavam visivelmente entre a negrura da agua.
A agua, disseram-nos que era caldo de feijão encarnado e os taes fragmentos brancos, toucinho.
Era nauseabundo.
Aquelle rancho era pouco mais ou menos egual ao de todos os dias, porque a dispensa não fornece outra cousa que não seja feijão, grão, arroz e toucinho, e com estes quatro alimentos se sustentam os presos desde o dia de anno bom até ao dia de S. Silvestre advogado contra os ladrões.
A despeza feita com o sustento de cada preso é de 67 1/2 réis diarios, para o que a Misericordia de Lisboa concorre com 2:400$000 annuaes e o governo dá o resto, que vem a ser uns dois contos e tanto.
O peixe e as hortaliças estão completamente banidas do rancho, e os presos sentindo essa falta, procuram suppril-a em parte, cultivando no pateo a que já nos referimos, algumas couves em pequenos caixotes pendurados pelas paredes, o que dá de tempos a tempos a sua couvesinha para o estomago, e alguma nota verde para a retina dos seus olhos quasi deshabituados de verem a natureza florir.
Aquelle alimento insulso põem-lhe o estomago em tal estado de fraqueza, que acontece quando, pela Paschoa e pelos Santos, a Ordem Terceira de S. Francisco alli lhe leva um jantar de carne, no dia immediato enchem-se as enfermarias da cadeia com doentes atacados de embaraços gastricos e outras enfermidades semelhantes.
Vamos á prisão do carrasco.

Caetano Alberto.

LOURENÇO DA FONSECA

Conhecemo-nos ha um bom par d'annos, d'esses tempos saudosos de collegio, que tão longos parecem quando se estão passando e que tão rapidos se afiguram depois de passados.
— Quem nos dera já ser homens, diziamos nós então, quem nos dera já livres d'estas massadas d'aulas, d'estas seccas d'exames, tomados a serio por toda a gente, podendo fallar sobre todos os assumptos sem nos atirarem com esse estribilho: «Cale a bocca, seu fedelho!» que nos faz subir o sangue da indignação ás orelhas a miudo puchadas, podendo fazer uma declaração d'amor a qualquer rapariga bonita sem corrermos o risco de nos offerecerem em troca d'uma carta ardente de paixão uma fatia de pão com manteiga!
E hoje que sobre essas epocas de pão com manteiga, d'exames no Lyceu, d'explicadores de mathematica e de declinações latinas já passaram os seus vinte annos bem puxados, nós quando olhamos para traz temos suspiros profundamente saudosos, e exclamamos cheios de sinceridade e de convicção:
— Ah! quem nos dera n'esses tempos!
Aposto que Lourenço da Fonseca, o illustre medico ophtalmologista que Portugal inteiro conhece e respeita, apezar de toda a sua celebridade, apesar de todas as grandes e santas alegrias que lhe teem dado todos os seus triumphos, que são ao mesmo tempo triumphos para elle e para a humanidade, ao pensar n'esses tempos, ao ler estas linhas, hade ter uma saudade por esse passado que tão longe vae e dirá tambem lá no fundo do seu espirito:
— Quem me dera n'esse tempo!
E tinha o seu quê de bom tempo!
Tinha primeiro que tudo a mocidade, essa aurora radiosa da vida, cuja luz é tão intensa, é tão fulgurante, que exparge deslumbramentos por toda a longa estrada da existencia e vae ainda muitas vezes — quantas! — illuminar com os seus brilhantes clarões os occasos mais tristes e sombrios!
Nós todos tinhamos por esse tempo os nossos dezeseis ou dezoito annos. Sahiamos fogosos do collegio e entravamos na vida cheios de ambições, de esperanças, de ideaes risonhos. N'esse momento supremo em que para assim dizer a vida se começa, formam-se sempre grupos.
Aquelles que se sentem impellidos pelo mesmo desejo, que se sentem fascinados pela mesma miragem, approximam-se instinctivamente, unem se, fazem a sua caravana para dar os primeiros passos, para abrir os primeiros troços de caminho.
Nós todos que tinhamos a mesma mania — a litteratura, — o mesmo ideal — a gloria — fizemos o nosso pequeno grupo.
Eramos sete ou oito, o Lourenço da Fonseca, que então fazia versos e esboçava romances, o Luciano Cordeiro, que escrevia pamphletos politicos com os olhos fitos em Emilio de Girardin, e fazia litteratura critica, todo cheio de novos ideaes de esthetica moderna, o Alexandrino do Carmo, que fazia comedias com graça, versos com sentimento, estudos philosophicos sobre a familia com bom senso d'idéa e elegancia de fórma, o Fernandes Costa, que morria por Lamartine e se desentranhava em poesias d'um lyrismo sentido e profundamente litterario, o Ruy Portocarrero, que queria por força emprehender trabalhos serios, como se adivinhasse que a morte lhe não deixaria tempo para ser futil, para ser rapaz; o Domingos Maria Gonçalves, que não definia bem as ambições que tumultuavam lá dantro d'aquelle cerebro em permanente effervescencia, e que sonhava com uma cadeira de deputado, quando nós todos não pensavamos senão nos enredos dos nossos romances, nos planos das nossas comedias, nas rimas das nossas poesias, e finalmente a pessoa que escreve estas linhas, que pensava desde então em contos, em romances, em theatro — sobretudo em theatro — mas que teve a singularidade de nunca pensar, nunca, nem um minuto sequer, em fazer versos e em fazer politica, singularidade em que, graças a Deus, tem persistido até aos trinta e seis annos d'edade.
Esse grupo pensou logo naturalmente em arranjar o seu orgão. Fez um jornal que se chamou primeiro *Clamor Academico* e depois *Voz Academica*, que teve varias modificações na redacção e que nos levou um bom par de vintens, mas nos deu em troca um bom par d'alegrias.
N'essas modificações de redacção appareciam jornalistas novos, que d'alli a nada desappareciam outra vez: o Alves Crespo, que fazia versos, que depois encontrámos mais tarde medico de partido na Ericeira, e mais tarde ainda, ha dois annos, auctor laureado d'uma deliciosa comedia — tambem em verso — representada no theatro de D. Maria; Custodio Velloso, que nunca mais tornámos a ver, mas cujo nome avistámos ultimamente firmando artigos n'um jornal legitimista do alto Minho; Serrão de Faria, com quem andámos mais tarde no curso superior de lettras, e de que ha annos não temos noticia, o Rodrigo Affonso Pequito, que fazia charadas, preparando se assim para d'alli a annos fazer cursos commerciaes, e mais tarde fazer leis em S. Bento, e outros que nunca mais deram que fallar de si e que nunca mais encontrámos no nosso caminho.
Um bello dia — bello para os nossos bolsos magros — o jornal morreu, cada um de nós tomou a sua direcção, o grupo subdividiu-se em gruposinhos mais intimos, e Lourenço da Fonseca seguiu o seu rumo.
Por algum tempo não tivemos noticias d'elle. Lá de longe a longe avistavamol-o, tinhamos uma grande alegria, trocavamos abraços vigorosos, e cada um seguia pela sua estrada.
Elle estudava medicina, mas o que o berço dá a tumba leva, e apezar dos estudos scientificos que o absorviam, tinhamos de vez em quando na nossa meza de jornalista a visita sempre agradavel, sempre bem vinda d'um livro de Lourenço da Fonseca, hontem um romance, hoje um poema, amanhã um livro de contos.
Finalmente um dia recebemos a visita d'um livro seu que não era nada d'isto — era uma these de medicina.
Foi o primeiro dos seus livros que não lemos, confessamol-o francamente.
Pouco tempo antes começára em Lisboa a fallar-se muito em doenças d'olhos, tanto que era para se julgar que até alli nunca ninguem padecera da vista.
Viera o dr. Mascaró, e á sua chegada surgiram de todos os lados cataratas, ophtalmias, strabismos e belidas, como só apparecem chapeus de chuva nos dias emque cae agua.
D'então para cá os jornaes começaram a fallar quotidianamente em operações d'olhos, em medicos oculistas, era raro o dia em que se não faziam operações notaveis; logo apoz do oculista hespanhol Mascaró veio o occulista allemão Van-der-Laan, e d'alli a tempos surgia com toda a aureola da celebridade um medico occulista portuguez.
Chamava-se Lourenço da Fonseca.
Era o nosso bom companheiro de infancia, o nosso caro collega da *Voz Academica*, o nosso velho e querido amigo dos saudosos tempos do collegio.
Transformado pelo seu trabalho persistente, pelo seu talento brilhante, pelo seu estudo aturado, de homem de lettras em summidade medica, Lourenço da Fonseca não se esquecia dos seus tempos de litteratura e dos seus collegas antigos nos trabalhos do jornalismo. Ao mesmo tempo que estudava os mais graves problemas da ophtalmologia, ao mesmo tempo que escrevia eruditos trabalhos scientificos que levavam ao estrangeiro o seu nome e lh'o traziam de lá aureolado pela fama, Lourenço da Fonseca não renegava as suas idéas de adolescente e escrevia romances, e fazia dramas, e compunha poemas.
É assim que nos seus livros ha um duplo catalogo: obras de litteratura e obras de medicina, e que o mesmo auctor escreve n'um dia *Goivos da aldeia*, romance, e no outro, *Le fond de l'œil dans quelques maladies moins frequentes de la retine, du nerf optique et de la choroïde;* hoje *Un printemps*, poesias, amanhã a *Conservação da vista nas escolas*, a *Atrophia do nervo optico*, e *No Douro e Tejo*, o *Archivo ophtalmotherapico de Lisboa*, e as *Lendas do Universo*, o *Formulario da clinica oculista*, e o *Martyrio d'uma mulher honesta*, etc.
E não é só isto.
Ao mesmo tempo que as academias scientificas lhe abrem as suas portas, que a celebridade e a fama lhe abrem os seus braços, o illustre medico occulista abre tambem os seus braços aos seus antigos amigo e companheiros, não se esquece dos seus tempos que já lá vão de tentativas litterarias, e é assim que ha pouco tempo ainda, já Lourenço da Fonseca era o medico celebre que honra a medicina portugueza, recebiamos um livro novo d'elle, um poema de 200 paginas intitulado *Sangue*, com uma dedicatoria muito amavel, em que o medico celebre se dirigia ao auctor da *Roza* (*Voz Academica*, 1866!).
A fama e a gloria não transformaram em nada o caracter excellente, a alma delicada, o coração bondoso, do bello rapaz que nós conhecemos ha vinte annos!
O medico illustre Lourenço da Fonseca é ainda o mesmo querido e magnifico companheiro dos tempos da adolescencia.
O que elle é como medico dil-o a fama enorme do seu nome, dizem-n'o as bençãos dos numerosos doentes que devem a vista á sua sciencia vastissima e á sua nobre caridade.
Porque se toda a gente sabe que Lourenço da Fonseca é um grande medico occulista, o que muita gente não sabe, e o que elle não quer que se diga, mas que nós dizemos sem escrupulos de ser indiscreto, é que elle elle tem tratado gratuitamente mais de 24 mil pobres, fornecendo-lhe os medicamentos, e hospedando muitos em sua casa, sustentando-os e vestindo-os durante todo o tempo do tratamento.
Não é só uma grande capacidade medica, Lourenço da Fonseca, é um grande e bello coração: não é só um medico notavel, é um benemerito, para quem são poucas todas as bençãos dos pobres, toda a estima e consideração dos seus compatriotas.
Lourenço da Fonseca é filho do sr. commendador Fonseca, um cavalheiro muito conhecido e estimado em Lisboa, onde tem exercido por vezes o cargo de vereador municipal.
Como não fazemos uma biographia não temos obrigação de dizer a edade do illustre medico occulista, não a sabemos ao certo, e não lhe queremos chamar muito novo, porque isso seria querermos nos fazer rapazes. Deve ter trinta e tantos annos, Lourenço da Fonseca, e nós escrevendo a correr e com um prazer enorme este rapido artigo para acompanhar o seu retrato, que hoje o Occidente publica, não pensamos nem por sombras em fazer uma biographia ou um estudo sobre

SCENAS DO MINHO — UM CARRO DE BOIS (Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia de E. Biel)

o medico illustre, fizemos apenas uma pagina das queridas recordações da nossa mocidade, um delicioso passeio d'alguns minutos ao passado que já lá vae!

G. L.

CHRONICAS DE ODIVELLAS

III

Mostrámos o que eram os costumes na epocha de D. João V, como a religiosidade d'esses tempos em nada modificava os habitos licenciosos. Frades e freiras eram os protogonistas habituaes de todos os romances amorosos d'esse periodo; mas não só os sentimentos religiosos em nada se incommodavam com a devassidão que os acompanhava, mas envolviam-se com elles de um modo perfeitamente sacrilego.

Citemos alguns exemplos.

O capitão de dragões José Maria Pereira da Costa era um homem de espirito, amigo do cavalheiro de Oliveira, e um pouco livre pensador. Era elle que dizia que, nas egrejas, quando via todos os fieis, uns por traz dos outros, a beijarem o chão simultaneamente, lhe parecia que se estavam a beijar a parte menos nobre do corpo. Apanhára elle uma carta de um frade franciscano para uma sua amante, e essa carta era perfeitamente sacrilega. Dizia-lhe o frade que só n'ella pensava quando dizia missa, que, ao levantar a hostia consagrada, via na hostia a imagem da sua adorada, e que tremia a cada instante, tão intensa era a visão, que o povo percebesse tambem que estava na hostia essa imagem profana!

Dr. Lourenço da Fonseca (Segundo uma photographia de Leopoldo Cirne & C.ª)

A carta, como vêem, tinha arrójos de imagem, inesperados n'este seculo XVIII todo piegas e requintado. É uma carta como a escreveria á sua Amelia o padre Amaro de Eça de Queiroz. O sacrilegio ostenta-se com uma brutalidade surprehendente n'esse seculo de autos de fé.

O cavalheiro de Oliveira conta ainda um facto que se passou com elle proprio. No tempo em que era catholico e devoto, quiz mandar dizer trinta missas por alma de um dos seus parentes. Foi ter para esse fim com o padre João de Carvalho que lhe respondeu a seguinte enormidade: que não podia dizer as missas que lhe encommendára, porque todas as que dizia tinham uma intenção particular, e essa intenção vinha a ser a seguinte — pedia fervorosamente a Nosso Senhor, sempre que no santo sacrificio elevava a hostia, que não permittisse que a sua amante, uma freira gentilissima, porém um pouco leviana, passasse dos seus braços para os braços de um rival!

É perfeitamente espantoso, não é verdade?

E ainda mais nos arripia o lembrarmo-nos que esses sacrilegios se diziam e se commettiam impunemente na mesma occasião em que se atiçavam as labaredas no campo de Lã para a queima dos judeus, em que se torturavam nos potros inquisitoriaes umas pobres mulheres accusadas de profanarem as hostias sagradas! E no mesmo seculo em que os desacatos, os roubos das particulas sagradas de dentro dos sacrarios, eram considerados como verdadeiras desgraças nacionaes, em que os criminosos eram punidos com as mais odiosas torturas, em que o reino todo se cobria de lucto, ousavam padres e frades confessar que todos os dias profanavam a hostia com pensamentos e palavras licenciosas!

Um dos casos mais heroicos d'esta devoção licenciosa ou d'esta libertinagem devota é de certo

UMA VISITA AO LIMOEIRO

Prisão denominada a Casa Forte, na Cadeia Civil de Lisboa, o Limoeiro (Desenho do natural por J. R. Christino)

o de fr. Diogo Pereira. Este frade era guardião do convento de Santo Antonio dos Capuchos em Lisboa, e apaixonou-se vivamente por uma freira do visinho convento de Sant'Anna, Florencia Manescal. Tão ardente foi essa mutua paixão que, não podendo satisfazel-a tão completamente como desejavam, resolveram fugir. Diogo Pereira, na sua qualidade de guardião, dispunha dos fundos do convento, apossou-se de uma somma importante, e partiu para a Hollanda com a sua adorada freirinha. Naufragou no caminho e perdeu o dinheiro que levava, e aqui se encontram os dois na Hollanda n'uma situação verdadeiramente desgraçada.

O conde de Tarouca, nosso ministro então nos Estados da Hollanda, tinha lhes verdadeiro horror. Suppunha que da sua ligação teria de nascer o Anti-Christo. Era uma crença arraigada no seculo XVIII a de que o Anti-Christo nasceria dos amores de um frade com uma freira portugueza. Esse frade e essa freira consubstanciaram-se, com o decorrer dos tempos, na pessoa do eximio poeta o sr. Gomes Leal, unico gerador conhecido do Anti-Christo. Nunca se soube o motivo da necessidade da intervenção de uma freira portugueza na gestação d'esse personagem, symbolo de impiedade. O cavalheiro de Oliveira, narrador d'estes successos, não se encarrega de explicar essa singularidade. Repellidos em toda a parte, o frade e a freira viram-se obrigados a renegar. Dá-nos isto ensejo para fazermos notar a os nossos leitores estes resultados verdadeiramente imprevistos dos rigores inquisitoriaes em Portugal. A indole suspeitosa do Santo-Officio, a facilidade com que um denunciante malevolo podia fazer passar por judeu o mais fervente catholico, fazia com que muitos portuguezes extremamente afferrados ás crenças religiosas de seus paes, ás da egreja romana, fugissem de Portugal, logo que viam que descaíam das boas graças de pessoa influente com algum familiar do Santo-Officio. Fugiam por conseguinte para a Hollanda, que era o paiz onde sabiam com certeza que não encontrariam perseguições religiosas.

Succedia-lhes porém um caso estranho. Achavam-se na Hollanda sem recursos. Lembravam-se de ir bater á porta de muitos compatriotas opulentissimos que alli residiam e que tinham igualmente fugido de Portugal; mas esses compatriotas eram realmente judeus, e não protegiam e não amparavam senão os seus irmãos de crenças. Para obterem meios de subsistencia, precisavam esses fieis catholicos de se fazer judeus. Resistiam por muito tempo, mas afinal a fome triumphava, e o judaismo conquistava assim novos adeptos!

E aqui está o modo como a Inquisição, pretendendo ampliar o numero dos catholicos, não fazia senão empurrar para o judaismo catholicos ferventes, que só desejavam morrer abraçados á cruz do Salvador!

Esses pobres homens, que a fome transformava de catholicos em judeus, conservavam sempre as suas predilecções christãs, e se houvesse uma Inquisição hebraica, esses é que podiam ser queimados com bem mais rasão do que a que tinha o Santo-Officio em Portugal para os arrojar á fogueira.

O nosso cavalheiro conversou com muitos d'elles, que lhe diziam contristados que o que mais os penalisava era não haver missa na Synagoga, mas que se consolavam de todas essas amarguras adorando o seu Santo Antonio, que conservavam em casa de companhia com o Talmud!

Não é curiosa esta confusão de sentimentos, esta incoherencia de idéas?

Diogo Pereira e Florencia Manescal fizeram o mesmo que os outros, converteram se ao judaismo. Diogo substituiu o seu nome pelo de Aarão, e assim viveram o ex-frade judaisando com os seus novos correligionarios, e a ex-freira accommodando-se ás exigencias da sua nova situação, mas saudosa afinal de contas dos seus santinhos, das suas contas, conservando, diz o cavalheiro de Oliveira, não só todas as crenças mas todas as superstições catholicas!

Arrependida? Nem por sombras. Magoada por se ter visto obrigada a abandonar a sua religião, que ella julgava perfeitamente conciliavel com os seus amores sacrilegos, com a sua indecorosa ligação, e com a violação de todos os seus votos — voto de clausura, voto de castidade, voto de pobreza. Este ultimo voltára a cumpril-o involuntariamente, mas não fôra de certo para o cumprir que saíra de Lisboa com fr. Diogo Pereira, levando este uma avultada somma de dinheiro.

Parece que estamos longe de Odivellas, não é verdade? Pois, pelo contrario. Nunca estivemos mais perto. Mostrámos como n'esse curioso, n'esse singular seculo XVIII se casava perfeitamente entre nós a devoção com a libertinagem. Odivellas não era o convento de Santa Rosalia do *Roberto do Diabo*, onde as freiras blasphemas se entregavam á orgia com grande gaudio do demonio que as esperava á porta. Não, Odivellas era um convento onde se temia a Deus, e se vivia e se morria no gremio da Santa Madre Egreja. Em se entrando em Odivellas divertia-se uma pessoa, e fazia figas ao diabo. Aqui temos nós, por exemplo, a madre Paula Perestrello, uma gentil madeirense que endoidára de amores o sr. D. João V. Para ella mandára o soberano arranjar luxuosamente quasi dentro dos muros do convento uns aposentos maravilhosos. Pois no meio da luxuosa mobilia que enchia esses quartos tinha logar proeminente o oratorio, e no oratorio figuravam as ricas estatuetas de S. Bernardo e de Nossa Senhora que assistiam com um meigo e condescendente sorriso ás scenas intimas que se passavam entre Paula e D. João V, scenas intimas que não estavam previstas na regra que S. Bernardo déra áquelles e áquellas que quizeram seguir os seus preceitos. Mas, emfim, S. Bernardo que tão ardente inimigo foi de Abélard não podia consagrar tambem um odio profundo aos que provavam que o não eram.

D'esse chamado *palacio da freira*, a que nos referimos agora, fallaremos no proximo artigo.

Pinheiro Chagas.

A expedição ao Muata Yanvo

Se tivessemos escriptas as memorias ou relações de todos os nossos compatriotas que desde o meado do seculo XIV até o seculo XVII, percorreram os diversos caminhos e estados do interior da Africa, era muito natural poder provar, que rara fora a região, onde não chegaram os portuguezes.

Nos diversos idiomas, nas usanças, nas habitações, e em todo o viver dos povos africanos, se encontram vestigios mais ou menos apagados do seu commercio e relações prolongadas com os portuguezes, e provas de que alguns d'estes viveram no seio das suas povoações.

Nos documentos publicos do nosso paiz, e até nas relações dos historiadores, se acham tambem provas de que muitos portuguezes, abandonando as feitorias, as fortalezas e povoações fundadas nas plagas africanas, *se lançavam com os negros*, segundo a phrase genuina, para irem viver em liberdade no meio d'aquelles, creando por ventura novas familias, e ensinando lhes agumas cousas da policia europea.

Pelas causas por demais repetidas e conhecidas esse commercio foi-se restringindo. Os vastos estabelecimentos fundados pelos portuguezes no solo africano, foram sendo pouco a pouco abocanhados e lambidos pelos estrangeiros, avidos de poderio, os quaes, aproveitando se dos infortunios de um nobilissimo povo, seu irmão, não duvidaram, em seu egoismo, absorver por insidias, aquillo que elle tinha ganho com fadigas, com trabalhos, com fomes, com sedes, a peito descoberto, arrojada e valorosamente.

No seculo actual, porem, e especialmente n'estes ultimos vinte annos, começou o renascimento do africanismo em Portugal. Com mais afinco nos ultimos dez annos se organisaram expedições, já para obras publicas, já para reconhecimentos hydrographicos, já para explorações geographicas, ou scientificas. Ao principio parece não ter havido plano previamente assente e regulado, pelo menos quanto a obras publicas; nos ultimos tempos e depois da tempestade que se levantou no norte da Europa e que rebentou com violencia em Berlim, parece que outro methodo se tem seguido.

Silva Porto, Anchieta, Capello, Ivens, Serpa Pinto e Cardoso, tem o seu nome ligado a explorações da primeira ordem e de diversas naturezas, mas todas tendentes ao mesmo fim; com mais modestia, mas com não menos justa intenção, se organisou a expedição ao Muata Yanvo.

Com quanto desde o seculo XVI fossem conhecidos e tratados os territorios de Manica onde tivemos estabelecimentos, e os do Muata Yanvo, com quem tivemos relacões, havia muitos annos que estavam por nós abandonadas. O perigo de uma perda completa, e talvez o desejo de aniquilar a solução de continuidade entre as nossas possessões das costas oriental e occidental, fez reatar e renovar aquellas relações.

Em quanto se restabelecia em Manica a nossa auctoridade, apenas descuidada, mas sempre respeitada e desejada, organisava se em Lisboa outra expedição afim de ir reatar as antigas relações com o Muata Yanvo.

A duzentas legoas pouco mais da costa occidental d' Africa e reino de Angola, jazem os territorios de que aquelle potentado é chefe, e que como se vê já ha mais de trezentos annos domina, e a elle se destinava a nova expedição que partiu de Lisboa a 6 de maio de 1884.

Eram e são directores o major de infanteria Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe, e o pharmaceutico do Ultramar de 1.ª classe, Agostinho Sezinando Marques, sub-chefe. Ambos com longa pratica dos assumptos do Ultramar, ambos com dedicação á sua patria, não duvidaram trocar os commodos do seu paiz natal, pelos azares d'uma internação e demora entre os negros d'Africa central.

Dias de Carvalho nascido em Lisboa, e educado no Real Collegio Militar, pouco depois de ter d'elle sahido, foi ao Ultramar, onde em Macau, em Moçambique, em S. Thomé e Angola, tem exercido durante dezesete annos, apenas interrompidos por curtas demoras no reino, diversas commissões de variada importancia, das quaes se desempenhou, ficando-lhe o credito de official intelligente, activo e zeloso; Sezinando Marques, cinco ou seis annos mais moço, tambem logo que terminou o seu curso na Universidadd de Coimbra, foi nomeado pharmaceutico da provincia de S. Thomé e Principe, onde prestou relevantes serviços de varios generos, até que em 1878, em conformidade da lei obtinha a sua reforma.

Ambos podiam gosar na patria da consideração que lhes assegurava a sua gerarchia militar, mas não hesitam em sacrificar o seu repouso, os ocios do lar e os carinhos da familia, aos descommodos, anciedades, fadigas e riscos de uma aventurosa expedição. Mas elles são portuguezes, e, se a alguem parece que estamos adormecidos e somos degenerados netos dos que devassaram o Oceano, e communicaram ao mundo o conhecimento da maior parte dos seus territorios e provincias, os recentes trabalhos de Anchieta, Capello, Ivens, Serpa Pinto, Cardoso e tantos outros, mostram que basta um pequeno incentivo para que a bandeira das quinas accenda nos peitos portuguezes o mesmo ardor, o mesmo amor patrio que accendia a alma dos Gamas, dos Albuquerques, dos Cabraes, dos Dias, dos Magalhães, dos Corte-Reaes e de tantos outros.

São escassas porem até hoje as noticias que nos tem chegado d'esta tão auspiciada expedição. É natural que o ministerio da marinha e ultramar as tenha recebido officiaes, mas pouco tem d'ellas transparecido e porisso nos damos por muito felizes de termos, por intervenção de um amigo nosso, obtido as curiosas informações que vamos extratar e resumir, ministradas por individuo que acompanha a expedição e que como testemunha ocular, tem toda a auctoridade.

Estimáramos ter um roteiro dia a dia, hora a hora escripto, onde podessemos encontrar as impressões de cada momento, as angustias de cada hora; estamos certos que o chefe e outros individuos da expedição o terão feito, para um dia communicarem aos seus compatriotas, como o amor do *ninho seu paterno*, os susteve sobranceiros a todos os vaivens da sorte.

Não se occupa o nosso correspondente da sua sahida de Lisboa, chegada a Africa, e partida para o seu final destino, escreve já da Estação *Luciano Cordeiro* no Cahungula a 28 novembro de 1885, e sobre o que se passou desde o ponto de partida até ahi, dá nos as informações seguintes:

«Isto teve muitos espinhos, muitas contrariedades; todos os calculos falham, todos os projectos soffrem modificação a cada passo. É preciso muito boa vontade, essa, felizmente ainda nos resta, e é o que nos vale, aliás ter-se-hia já esmorecido e desanimado. Tem sido uma fortuna ter gosado a expedição regular saude, especialmente o chefe que a tem tido magnifica, apesar da falta de commodidades, e das inconveniencias de um passadio, pouco regular, que ha mezes se sente. Bom foi termo-nos acautellado com bastantes latas de conserva, e bolachas do nosso Eduardo José da Costa, que ainda estão perfeitas, e cá se vão poupando.

«É preciso conformar-se a gente, ou afazer-se aos usos da terra; n'isto vae um grande principio de economia, porque se entremeia o que trazemos, com o que nos fornece o paiz. Se não fosse isso já houveramos consumido as provisões. Assim temos feito e vamos fazendo uso constante do *infunde* (especie de massa de sapateiro), farinha de mandioca, depois de preparada e curtida, por certos sugeitos, cuja limpeza não está sufficientemente provada, e o *macundi* (feijão miudinho) milho cosido, papas delle; arranja se a tapioca feita por nós etc. De quando em quando apparecem algumas gallinhas; ovos encontram-se poucos, e sempre se compram com o risco de enganos, porque os maganões dos negros só vendem os que as gallinhas não chocam, e por aqui deve imaginar-se quantas semsaborias se não tem soffrido n'este particular. Tambem temos comido algumas cabras, e estou d'aqui vendo quanta gente não fará a isto

grandes caretas em Portugal, pois venham para cá, e a necessidade lhes tirará as prevenções. Passados oito mezes, tivemos hontem uma perna de vacca! Consolamo-nos, por nos lembrar que tambem lá no nosso paiz, ha provincias, nomeadamente parte do Alemtejo, onde a vacca apparece por festa, todavia ahi, se a quizerem, em poucas horas a podem obter, mas aqui!... Tudo porem tem as suas compensações e em abono da verdade devemos dizer, que temos tido boas peças de caça. Este mimo porem vae-nos faltar, porque d'aqui até março estamos com as chuvas a contas, e esses delicados manjares ausentam-se de nos. Vós gosaes lá o theatro lyrico, e nós perdemos o recurso gastronimo mais prestadio que temos. Regosijam-se os vossos ouvidos em quanto se lamentam os nossos estomagos.

«São estes talvez os menores incommodos, posto que muitas vezes affectem a saude. Outros temos tido de maior ponderação e mais graves consequencias. Temos soffrido fuga, ou melhor abandono de duzentos carregadores *xinjes*, que a pretexto de haverem morrido dois companheiros seus, nos abandonaram, estando nós a trez dias apenas de jornada do ponto extremo do seu contracto, e esta deserção, que parecerá uma cousa de pouca monta aos nossos patricios, rendeu-nos: *setenta e cinco (!) dias* de demora em *Camau* — um vale em que passámos os insultos de um rigoroso inverno: aqui, apenas se encontrava a quatro horas de jornada tres pobres povoações e com a maior difficuldade o sustento para a nossa gente; *quarenta dias* em *Nguma Muquinge*, acampamento Francisco Maria da Cunha; — sessenta e tres dias no *Cuengo*, acampamento, a que o nosso chefe, em recordação saudosa da familia, poz o poetico nome de *Solidão de Julia;* e dezenove dias no *Ca-sa-su*, Estação Cidade do Porto. Vejam em que se converteram os tres dias que nos restavam de jornadas, e não se pode ahi imaginar as fadigas, os tormentos e os incommodos d'estes cento e noventa e sete dias.

«Tivemos cinco fogos, sendo o de 9 de maio no *Ca-mau* — a que ficou o nome de Valle das Amarguras, o mais importante. O terror quasi se apodorara de nós, e o susto era grande porque tinhamos no acampamento então, seis caixas de petroleo, nove de cartuxame embalado e dynamite, dez arrobas de polvora em barris, vinte saccas de salitre, etc., etc. Pode-se calcular por aqui qual seria o nosso estado! Trabalho incessante, ninguem parava, ninguem estava quedo, mas apesar de tudo, seriam talvez inuteis os nossos esforços e inevitavel a nossa perda, se, como por milagre, o vento não muda repentinamente ás 2 horas da tarde, dando-nos alento e coragem, para redobrarmos de esforços, afim de transportarmos para longe as nossas cargas!

«Já então tinhamos carregadores *(sanzas)* que haviam vindo de Malange em junho, e aqui nos deram bastante que fazer, porque fizeram roubos em todas as cargas, que se estimaram em cerca de um conto de réis. Mas o chefe usou então de toda a energia, e á força conseguiu despojal-os de roubos e o que lhes pertencia em valores 400$000. Não lhes deu ração durante vinte dias, obrigou-os a ir buscar quarenta cargas e um doente ao *Caianvo*, junto ao *Cu-ilo*, posto *G. Allen*, no que se economisou 120$000 réis, e a trabalhar aqui durante os vinte dias a 80 réis por dia, economia de 72$000 réis, notando-se porem que o seu trabalho deve ser calculado em cinco vezes mais, ou 360$000 réis, importancia dos materiaes que foram buscar diariamente a distancia de dois kilometros e meio da Estação, do corte e transporte de boas madeiras, construcção da Estação, abertura de ruas, largos e estradas. Representa isto de certo um valor importante.

(Continúa) *J. B.*

O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

(Continuação)

V

Antes de proseguir n'esta série de traços geraes com que tenho diligenciado accentuar a sympathica physionomia do conselheiro João Cesario de Lacerda, — seja-me licito dar conta de uma carta que hoje, 10 de Agosto de 1886, recebi na 1.ª expedição da posta interna, carta sem assignatura e de lettra para mim completamente desconhecida, carta allusiva a umas vagas reflexões que por incidente deixei cahir ácerca da burocracia portugueza (Vid. n.º 274 do OCCIDENTE):

«Meu caro Xavier da Cunha:

«És injusto com as pobres hetairas.

«Que mal te faz a innocente industria d'essas damas?

«Porque uma ou outra vez se mettem de impenho para com os politicos, havemos de logo arremetter contra ellas a rasgar-lhes as saias?

«Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
«Feros vos amostrais e cavalleiros?»

«É que ainda não reparaste em como são formosas...

«Vê como se apresentam interessantes na sua *horizontalidade!*...

«Os cabellos arqueiam-se-lhes elegantemente em curvas graciosas! transparece linguagem indescriptivel n'aquelles olhos de diaphana e avelludada côr-de-avelan, em cujas pupillas negrejantes rebrilham impetos ferinos de sensualidade! os labios incurvam-se-lhes em surrisos deliciosos! perfuma-lhes um não sei-que de provocante lascivia a belleza dos semblantes! os hombros contornam se lhes voluptuosamente como verdadeiros modelos de estatuaria!... Como ha-de resistir a uma tentação d'estas um pudibundo conselheiro da corôa? ..

«Tambem me não agradou que cevasses furias contra o omnipotente abdomen dos galopins eleitoraes.

«Sem estes, não existiriam aquellas alegres patuscadas em que a crapula das casas-de-jogo arrebanha adhesões e cria mutuas dependencias, — resultando picturescamente d'ahi que, uma vez por outra, em pleno parlamento, seja apodado de «batoteiro» o proprio presidente da camara (como em tempos noticiaram periodicos), e a discussão politica chegue a converter-se n'uma risota de pandigos ou n'uma assanhada descompostura entre regateirões do mercado, sem mesmo desaproveitar o calão especial das collarejas!

«Ah! meu amigo, que semsaborona que sería a vida, se não houvesse estes dois elementos de farça — as hetairas e os parlamentos!

«E tão parcial és, meu caro Xavier da Cunha, tão injusto nas tuas apreciações com respeito á causa do baixo nivel em que anda por ahi cotada a grande maioria do nosso funccionalismo, que nem sequer de passagem alludiste á mais preponderante determinativa das nomeações e promoções.

«Has de com certeza ter lido algumas vezes, na quarta pagina dos periodicos, uns annuncios offerecendo 200$000 réis, 300$000 réis, 400$000 réis, cem libras esterlinas, um anno de ordenado ou mesmo dois annos, etc. etc., a quem arranje um emprego publico em certas e determinadas condições. E has de ter tambem reparado em que nunca se repete a publicação do mesmo annuncio, — o que certamente demonstra bem que o offerente é logo procurado e... servido!

«Já vês que és imperdoavelmente injusto nas causas que invocas, quando por exemplo á fascinação que o favoritismo de actrizes devassas exerce sobre altos personagens pretendes exclusivamente attribuir o que muitas vezes offerece apenas por motivo uma simples transacção monetaria.

«Bem claro o dizia Bocage na sua epigrammatica definição do «ouro»:

«Faço a paz, sustento a guerra;
«Agrado a doutos e a rudes;
«Gero vicios e virtudes;
«Forço as leis; domino a terra.»

«E o Tolentino tambem:

«Dinheiro, invicto dinheiro,
«Só em ti é que eu me fundo;
«Tens o direito da força,
«És o tyranno do mundo.»

«Deixa portanto em paz, meu caro Xavier da Cunha, o vaidoso aprumo das potencias eleitoraes (que me fazem rir) e as tentadoras saias das hetairas (que me fazem sonhar...). — Teu, etc. — *Um admirador das bellas, e um frequentador das eleições.*»

Agora respondo eu:

Quem quer que tu sejas, meu incognito correspondente, fica certo de uma coisa. E é que, se eu aqui, a proposito d'estas mal alinhavadas divagações em que tenho pretendido esboçar de fugida o vulto respeitavel do conselheiro João Cesario de Lacerda, — se aqui (repito) me propuzesse estudar e registar todas as causas determinantes da relaxação que hoje caracteriza uma grande parte do nosso funccionalismo publico, — arriscava-me a que algum pedaço-d'-asno me censurasse e accusasse por eu trazer a appêllo de uns simples apontamentos biographicos toda a historia do Portugal contemporaneo!

Para que é repetir e repizar o que toda a gente sabe em referencia a esses offerecimentos de pitanças com que se preenche o contrapezo nas balanças da justiça?

Sob o titulo — *Costumes da epocha* — publicava ha dias o *Interesse Publico* (7 de agosto de 1886) um curiosissimo artigo:

«Tendo o redactor principal do *Interesse Publico* recebido uma carta de um sujeito da provincia, em que este lhe pede uma collocação official de pequena importancia, auctorizando-o a sacar sobre o pretendente uma lettra de 160$000 réis, declara o mesmo redactor que, sentindo se velho para mudar de rumo nos processos que adoptou para viver honestamente, não está resolvido a inaugurar agencia de empregos publicos (que, a julgar pelo que se diz e vê, parece ser officio vulgar e lucrativo).

«Não se zanga com o pedido, porque sabe o meio em que vive, e está certo de que em nada ficará prejudicado com a recusa o philosophico cidadão, a que se refere. Accrescenta mais, para elucidação dos ambiciosos, que o seu valimento nas nossas secretarías de estado é perfeitamente microscopico e, por isso mesmo, totalmente improductivo, como base de qualquer *arranjo*.»

O caso parece que é trivial, porque ninguem se espantou com a declaração do *Interesse Publico*.

Mas o que tambem é certo é que os estratagemas postos em práctica n'esta immoral tropelia variam infinitamente como as phases de um verdadeiro Proteu.

Ha um *valdevinos* que deseja talhér á mesa do orçamento, comprometendo-se a nunca trabalhar e a entreter apenas os ocios na *Casa Havaneza* com a exposição das baboseiras que diz? Por que maneira ha de lograr seu intento? Mette-se *de casa e pucarinho* com o primeiro influente que topa, e que, para vêr-se livre de tal carraça, invida todo o seu impenho em prol do infatigavel parasita.

Outro que possua artes e manhas de dissipar em jogatinas avultada quantia, recebida por imprestimo, incontrará tambem facilmente maneira de incarreirar-se em optimas condições? Incontra. É o proprio crédor quem trata de collocar bem o devedor, para que este, com o ordenado mensal da sua pingue conezia, vá pouco a pouco amortizando o *caurim*.

Vêem aquelle amanuense com trinta e tantos annos de bom serviço? amanuense morrerá, porque só tem para impenhos de sua promoção a honradez de seu caracter e a proficuidade do seu trabalho assiduo. Ha, porêm, o immediato que aspira a ser promovido, e que possue bons elementos de protecção entre as damas pela jovial pericia com que sabe marcar *cotillons*. Está resolvido o negocio: promove-se o primeiro a official, mas o decreto da promoção não se lhe lavra sem que elle préviamente deposite o requerimento de sua aposentação, para que o immediato venha a herdar-lhe logo de um pulo a melhoria de interesses. D'est'arte se consegue tudo em excellente harmonia e a bom aprazimento das partes. D'est'arte e por identicos processos se trepa, n'um rufo, a chefe de repartição. Pouco importa que o corollario sejam aquellas significativas palavras estampadas, ha cêrca de um mez, em um dos periodicos de Lisboa (Vid. *A Capital* — n.º 7 — 4 de Julho de 1886):

«...Estamos cançados e injoados de ver uma grande parte do funccionalismo recrutada entre a turba ignara e ociosa, mas elegante e protegida, que constitue a entidade a que Teixeira de Vasconcellos chamava picturescamente *vadios illustres*.»

Não era decerto a João de Lacerda que Teixeira de Vasconcellos poderia referir-se n'aquelle seu espirituoso dizer.

Collaborador da *Gazeta de Portugal* nos aureos tempos de tão interessante periodico, João de Lacerda havia inspirado a Teixeira de Vasconcellos um conjuncto de respeito e sympathia pela sisudez do seu porte e pela austeridade do seu caracter, apar do seu finissimo talento, e apar da sua indefessa laboriosidade.

Foram estes os predicados que desde creança, em annos muito tenros, denunciou elle constantemente quando collegial sob a direcção pedagogica do velho Francisco Antonio Martins Bastos, — um latinista insigne que eu tive tambem por mestre, e a cuja veneranda memoria me prézo de deixar aqui affirmado o profundo sentimento da minha respeitosa gratidão.

E j'agora deixe-se-me abrir n'este logar um pa-

renthesis. Martins Bastos, escolhido pela Rainha D. Maria II para mestre do Principe Real D. Pedro (d'aquelle D. Pedro V, inimitavel modelo de reis), Martins Bastos não era só um latinista consummado mas simultaneamente um abalizado educador. Outros haveria que tão bem como elle tivessem sondado e esquadrinhado os segredos intimos, os mysterios reconditos, da litteratura latina; outros, como elle, se teriam egualmente familiarizado com os costumes d'aquella civilização que deixára por interpretes tanto historiador e tanto poeta; — ninguem todavia poderia excedêl-o, ninguem talvez egualál-o, na sábia proficiencia de erudito com que educava os seus discipulos. Nas succulentas prelecções, em que elle conseguia prender, como por incanto, durante horas e horas, a attenção dos educandos, — quantos dos que hoje occupam logar eminente na litteratura contemporanea beberam o seu primeiro estimulo e a sua primeira inspiração! Puro, sobrio, e de uma seriedade exemplarissima em seu viver, Martins Bastos, na sua incomparavel paixão pela litteratura latina, verberava com todas as forças da mais inraizada convicção a nudez em que amiude cahiram Petronio e Tibullo, Catullo e Propercio. Martins Bastos não podia tolerar que Ovidio houvesse desperdiçado a sua doçura, nem Horacio a sua energia, um a celebrar os prazeres do vinho, o outro a cantar as delicias do amor! Onde, porêm, a sua alma deveras se comprazia, onde o seu lyrismo incontrava a flux verdadeiros incantos, era na suavidade magica do seu querido Virgilio, era nas pompas solemnes do grande estylista Tito Livio, era finalmente na energia frizante do historiador Tacito. Ahi, sim; ahi achava-se elle com os seus, e como em familia. Graças á sua afamada aura de educador, o *Collegio de Nossa Senhora da Conceição* que elle, sob humildes auspicios, fundára em 1837 na Rua das Farinhas (onde existia ainda quando em 1847 Martins Bastos era chamado ao Paço dos nossos reis), foi progressivamente crescendo e adquirindo uma celebridade pasmosa, mórmente quando na superintendencia geral d'aquella casa de estudo se associou Joaquim Lopes Carreira de Mello (casado com uma sobrinha do fundador), — a ponto de que, em 1851, quando eu alli estudava latim, o collegio estabelecido então n'um espaçoso edificio da Calçada da Estrella, sendo incontestavelmente no seu genero a primeira escola da capital, fazia lembrar uma universidade em ponto pequeno; mais tarde aquelle instituto foi ainda experimentar novo incremento na Rua da Esperança, onde só ha cêrca de dois ou de tres annos deixou de existir.

Aos predicados que João de Lacerda já nos seus tempos de collegial denunciava, e que depois d'isso tem sempre conservado immarcesciveis em todos os actos da sua existencia, deve elle os justos applausos com que na sua carreira publica se ha visto constantemente escolhido para importantissimas commissões de serviço e n'ellas constantemente elogiado.

(Continúa) *Xavier da Cunha.*

UMA VISITA AO LIMOEIRO

O Segredo, na Cadeia Civil de Lisboa, o Limoeiro
(Desenho do natural por J. R. Christino)

RESENHA NOTICIOSA

Artilheria Bange. Uma commissão de officiaes, nomeada pelo governo da Noruega para proceder a experiencias com peças de Bange e de Krupp, pronunciou-se unanimemente no seu relatorio pela artilheria de Bange, como superior á de Krupp

Febre amarella. O dr. Domingos Freire descobriu uma vaccina preventiva contra a febre amarella. Communicou ultimamente para a Sociedade Biologica de Paris que, desde dezembro de 1884 a abril de 1885, tinha inoculado 3:051 pessoas, das quaes nenhuma fallecera do terrivel mal, emquanto em egual periodo tinham morrido 278 doentes da mesma molestia não vaccinados.

Retrato de Affonso XII. O notavel pintor hespanhol Madrazo concluiu um retrato do fallecido rei de Hespanha. É uma obra de primeira ordem, a julgar pelo que diz a imprensa do reino visinho.

Massanet de Marancour. Morreu este notavel publicista, que deixou varias obras, de que citaremos *Les français à Rome, Les confessions d'un commis voyageur, Les fils aux deux mères*, etc. Dirigia ultimamente a opera franceza em Buenos Ayres.

A esphinge do Egypto. As excavações a que ultimamente se tem procedido sob a direcção de Brugsch-bey, seguindo o plano do grande orientalista Maspero, permittirão que ainda este anno fique a descoberto das areias do deserto a notavel esphinge do Egypto. Para esse fim foi construida uma linha ferrea, e trabalham 150 homens na remoção das areias, cujo volume se calcula ser cerca de 20:000 metros cubicos.

Nova excursão á serra da Estrella. Os srs. viscondes do Fayal, de Alverca e de Alferrarede, projectam uma nova exploração á Serra da Estrella, tomando por ponto de partida Mangualde.

Fallecimento. O ultimo vapor chegado das nossas ilhas trouxe-nos a triste noticia do fallecimento de um prestante insulano, cujo talento e aptidão era conhecido em todo o jornalismo, João Augusto Ornellas. Fundara elle no Funchal um periodico bem conceituado, *O Direito*, onde collaboraram muitos dos seus mais talentosos conterraneos, e onde proclamou sempre verdadeiros principios ácerca, da administração das ilhas adjacentes. Quando ha annos o governo hespanhol por meio de sabias medidas, tratou de pôr em estado as suas ilhas Canarias, que podessem servir de escala aos navios das carreiras transatlanticas, elle correu á liça e em um opusculo *A Madeira e as Canarias*, expoz os perigos que a primeira corria, denunciou claramente os factos que se passavam alem, aconselhou e excitou os poderes publicos a acudirem pela morte da Madeira. Algumas providencias se deram mais tarde, pela iniciativa dos representantes insulanos no parlamento, mas cabe a João Augusto Ornellas a honra d'aquelle brado patriotico. Lamentando a perda do illustrado insulano, desfolhemos esta pequena saudade sobre a sua sepultura.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Tratado das alfandegas em Portugal, *consideradas á luz da historia, do direito, da economia politica e da estatistica, por Francisco de Lencastre. Parte primeira, historia. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.* Com o fasciculo 4.º, concluiu-se o 1.º volume d'esta importante obra, começada sob os melhores auspicios e levada a cabo, no meio de fadigosos trabalhos, e em horas *a que chamam subsecivas estes que sabem latim*, como diz Sá de Miranda. O fim que o sr. Lencastre teve em vista foi reunir em um pequeno corpo de doutrina, tudo o que se tem providenciado entre nós, n'este importante ramo de serviço, para servir como que de *Manual* aos que se dedicam á vida do funccionalismo no ramo das alfandegas, ainda que deve servir, como não pode deixar de ser, aos que procuram estudar as instituições do paiz; porque n'este pequeno volume estão reunidos elementos que só com muito trabalho e tempo se poderiam obter. Desde os foraes, regimentos d'alfandegas, leis e regimentos, cartas de arrematação ou de quitação, até a correspondencia do grande Affonso d'Albuquerque, tudo o intelligente escriptor aproveitou, para ser util aos seus conterraneos. Se as suas occupações fossem menos, se a sua vida tivesse mais liberdade, se podesse dispôr de mais tempo, poderia de certo dar mais alguma ordem ao seu trabalho, e fundil-o, como se dissessemos, de um jacto. Apesar d'essa tal qual inconsistencia, a sua utilidade é manifesta.

Commissão Central Anti-Phylloxerica do Sul do Reino. N.º 4, anno de 1885. Esta commissão presidida pelo digno par do reino sr. Francisco Simões Margiochi, dá conta dos seus trabalhos ao governo n'este relatorio muito importante e que deve interessar a todo o paiz, porque trata de uma questão agricola do maior interesse. Respigando algumas paginas d'este relatorio, concluimos que o phylloxera tem infelizmente, progredido no paize que todo o cuidado é pouco para evitar os seus estragos. Assim quando em 1882 a invasão do mal na circumscripção do sul se limitava apenas a 1:500 hectares, em 1884 tinha attingido 16:000 hectares e hoje eleva-se a 18:000. Este progredir do mal póde-se attribuir á relutancia de alguns viticultores em fazerem uso dos meios aconselhados pela commissão para o combaterem, e este facto faz com que a commissão chame a attenção do governo, aconselhando-o a que torne obrigatorio o tratamento cultural de que só devem resultar vantagens para todos. Isto é tanto mais justo quanto é certo que o governo portuguez tem prestado todo o auxilio e dispendido sommas importantes, para obstar a que o phylloxera distrua a maior riqueza do nosso paiz.

L'Origine de Christophe Colomb, *demonstration critique et documentaire,* par Sejus. — Paris — MDCCCLXXXV. 8.º de 27 paginas. — Este escripto foi inserto no tomo XXIX da *Revue historique*, e d'ahi publicado em separado. O seu fim é refutar uma obra publicada pelo sr. Peragallo, illustrado parocho de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa, desde 1884 impressa em Genova sob o titulo *L'Autenticità delle Historie di Fernando Colombo e le critiche del Signor Enrico Harrisse.* Havia quatorze annos, pouco mais ou menos que este já notavel escriptor e investigador americano, tinha levantado duvidas sobre a autenticidade das *Historie*, biographia do grande navegador, attribuida a seu filho natural Fernando; desde o principio pareceram logo algumas duvidas importantes, mas um trabalho de doze annos de pesquizas nos archivos de Italia e França, vieram não só confirmar o sr. Harrisse nas suas duvidas, mas fornecer-lhe um montão de documentos, com que a poude averbar de falsa ou alterada nos pontos capitaes, e com que poude restabelecer a verdade relativa á origem do navegador genovez. Filho de um tecelão de lã, como dizem os historiadores contemporaneos, e em geral quasi todos os biographos, só o filho lhe attribue uma origem fidalga; natural de Genova como elle proprio declara em um auto publico, o filho ignora a sua patria; emfim muitas outras coisas se contém na biographia, que encontram a verdade conhecida. O sr. Harrisse por uma série de documentos que vão desde 1439 até 1501, estabelece, sem a minima duvida, os nomes dos paes, avós, irmãos e outros parentes do celebre navegador, e ainda por muitos outros, mostra a homonimia de appellidos e de nomes, com que demonstra a sua these e pulveriza as objecções levantadas. É isto o que se deduz do opusculo que temos presente e que em toda a sua cerrada e concisa argumentação, se refere aos numerosos documentos publicados pelo sr. Harrisse na sua obra publicada, no mesmo anno que a do sr. Peragallo, *Christophe Colomb, son origine, sa famille et ses descendants.*

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.